

Artigo original**A PRESENÇA POÉTICA DE FRIEDRICH HÖLDERLIN¹ NA FILOSOFIA DE
MARTIN HEIDEGGER²**Souza, I.C.³**Nome completo:** Ivan Clementino de Souza**Artigo Submetido:** 10 de maio de 2017**Aceito em:** 13 de junho de 2017**Email:** Ivan Clementino de Souza¹

¹ Johann Christian Friedrich Hölderlin (Lauffen am Neckar, 20 de março de 1770 — Tübingen, 7 de junho de 1843) foi um poeta lírico e romancista alemão.

² Martin Heidegger (Meßkirch, 26 de setembro de 1889 – Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976) foi um filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão. Ele é visto como o ponto de ligação entre o existencialismo de Kierkegaard a fenomenologia de Husserl. Sua preocupação maior foi a de elaborar uma análise da existência, ou seja, esclarecer o verdadeiro sentido do ser.

³ Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (Filosofia do Direito 2015 - 2017); Mestre em Direito pelo Programa de Estudos Pós Graduated em Direito do Centro Universitário Eurípides de Marília - UNIVEM/SP (2005); Pós - Graduado em Direito Constitucional pela Escola Superior de Direito Constitucional Prof. Celso Bastos - ESDC/SP (2003) e Graduado em Direito pela Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE (2001). Foi Professor da Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha – UNIVEM – Marília/SP nas disciplinas de Ciência Política e Teoria Geral do Estado, Direito Constitucional, Direito Processual Penal e Crimes contra Ordem Econômica e Tributária; Foi Professor da Faculdade de Direito da Alta Paulista - FADAP na disciplina de Direito Processual Penal; Foi Professor do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Direito da UNESC nas disciplinas de Direito Processual e Direito Penal Econômico e Tributário; Foi Professor da Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE nas disciplinas de Direito Penal e Direito Processual Penal; Foi Professor e Coordenador do Curso de Direito da UnesulBahia. No exercício da atividade docente desde 2003 (14 anos), é advogado inscrito pela OAB/SP desde 2001, atua na área de Direito Público com ênfase em Direito Constitucional, Direito Penal e Processual Penal. Pesquisador nas áreas de Teoria do Estado e Filosofia do Direito. Membro do Grupo de Estudos Michel Foucault – GEMF da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. E-mail: profivanclementino@gmail.com

RESUMO

O presente artigo remete a uma reflexão acerca do segundo Heidegger que passa a referir-se constantemente ao poeta Hölderlin, indicando por meio da poesia como se poderia pensar de um modo que já não é mais metafísico. Para Heidegger, o questionamento do ser e a busca de seu fundamento, por intermédio da linguagem originária, a linguagem poética empregada por Hölderlin, é o caminho pelo qual o Ser pode ser conduzido no retorno à casa, aos fundamentos primeiros da filosofia.

Palavras-chave: Poética. Hölderlin. Filosofia. Heidegger..

ABSTRACT

This article refers to a reflection about the second Heidegger which happens to refer constantly to the poet Hölderlin, indicating by means of poetry as you might think in a way that no longer is more metaphysical. For Heidegger, the question of being and the search of your foundation, through the original language, the poetic language employed by Hölderlin, is the way by which the can Be driven on return to home, the first foundations of philosophy.

Keywords: Poetic. Hölderlin. Philosophy. Heidegger.

INTRODUÇÃO

Todo o pensamento ocidental, desde Sócrates, Platão e Aristóteles, aparenta produzir um efeito de esquecimento do Ser que Heidegger tenta eliminar por meio da desconstrução da metafísica e do restabelecimento do laço originário com o Ser existente na época dos pré-socráticos. Restabelecer a verdade é aqui restabelecer o laço com o Ser. Trata-se de reencontrar os fundamentos da própria filosofia, e esta deve ser compreendida como a totalidade da filosofia e não seccionada em diversas áreas de especialização e conhecimento.

O objetivo de Heidegger, após a desconstrução da metafísica, é a busca da essência da Poesia na Linguagem. Heidegger questiona sobre a Linguagem dos pensadores e dos poetas, guiado pelo sentido do Ser e atento ao seu abandono. Detectando o abismo que se abre entre estes dois tipos de expressão, dirige-se especialmente à Poesia, à Linguagem Poética, caracterizando-a por meio das concepções epocais do Ser.

Por essa razão, pretendemos demonstrar a presença poética na metafísica de Heidegger, destacando a importância da Linguagem poética, principalmente de Hölderlin, num pensar filosófico que se caracteriza pela retomada do questionamento do ser e a busca de seu fundamento, por intermédio da Linguagem originária.

1. O SER QUE FALA

A Linguagem, para Heidegger, é o elemento mais característico da essência humana. E só através de uma Linguagem apropriada que é possível aflorar a verdade de todas as coisas, pondo às claras o fundamento de tudo.

O Homem, enquanto portador da Língua, é um ser privilegiado para responder como o "ser-aí" deve ser compreendido na sua condição temporal. O Homem, com sua Linguagem, concebido como contemporâneo do ser, em sua existência ao lado do ser, proporcionaria a oportunidade de entendimento desse "ser-aí" presente no tempo.

Ao chamar atenção para a Linguagem como veículo de manifestação do ser, Heidegger leva-nos ao entendimento de que tanto nos significados das palavras, como nos sons que elas transportam, há um ser que fala por intermédio da língua.

O ser humano existe na medida em que é o único capaz de formular uma interrogação sobre o Ser, de revelar a verdade do ente, a saber, o próprio ser. Assim o Homem é um ente para o qual se apresenta a pergunta do seu próprio ser, caracterizando-se como a clareira do ser.

A pergunta sobre o ser, que para Heidegger é a própria filosofia, faz com que o Ser saia de sua solidão eterna. Não fosse por esta interrogação, o Ser permaneceria perpetuamente "fechado em si mesmo". A verdade do ser humano, sua essência, aparece naquilo que Heidegger denomina *Dasein* ("ser aí").

A questão poética pode ser considerada como uma explosão dos limites epocais. É abandonada pela Metafísica ao longo da História, pois não se enquadra na circunscrição lógica, isto é, não se fundamenta na racionalidade, está em desacordo com os padrões, sobretudo da racionalidade moderna. É descartada pela Ciência e pela Técnica, por não estar estabelecida nos critérios da objetividade.

Os preconceitos contra o dizer poético o identificam como um passatempo inútil, irracional e, portanto, irrelevante. Localizadas no âmbito da fragmentação, a Metafísica e a Técnica abandonam o mistério poético, bem como a sua vinculação ao Ser.

Heidegger, pensando na herança destas épocas, investe contra elas. Razão, fundamento, subjetividade, objetividade, pensar e poetar não são domínios estanques, segundo Heidegger, mas fazem parte do processo em que se desdobra o Ser.⁴

O Ser é o sem-fundamento que, mediante sua História, origina a Poesia. Poetar é relacionar-se com o Ser, assumir a relação. O caminho para a vinculação entre poetar e Ser

⁴ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

dá-se por intermédio da recuperação dos gregos pré-socráticos, isto é, da época onde o essencial se manifesta. Rompendo com a noção aristotélica de “causalidade” enquanto “operar e efetuar”, Heidegger retoma a causalidade grega como *Poiesis*. A poesia, colocando-se à escuta do silêncio, preparatório para acolher o Ser, é produção de sentido, *Techne*. Enquanto *Poiesis*, é o desvelamento que penetra e rege toda arte do belo: a poesia, a coisa poética.

2. A POESIA E O SER-AÍ

A poesia é, assim, o elemento fundamental que caracteriza a destinação do Ser e seu acolhimento pelo estar-aí, no encontro originário de ambos.

Posicionando-se contra a postura técnica de fabricação para o consumo, de utilidade, Heidegger chega a mencionar que o Poema não é nenhuma manifestação de vagabundagem do espírito inventando, por toda parte, o que lhe apraz; não é um abandono da representação e da imaginação tendendo ao irreal. O poematizar não pertence à esfera da fantasia, do devaneio, do ilusório, do banal. Isso porque, se postulamos o real como o que existe de fato, como aquilo que uma coisa é, indicando com isso o seu Ser, o Poema se insere no real. Conduto, se afastarmos o irreal do ilusório e o transferirmos àquilo que ultrapassa o ente, real para os sentidos, no cotidiano, então o Poema é também irreal. Ele escapa ao cotidiano na medida em que o penetra e nele se aprofunda, na tentativa incansável de deixar que o ser apareça, de instituí-lo na palavra. O Poema é, assim, revelação que transcende a esfera do superficial rumo ao profundo.

O poema, enquanto inclinação ao Ser, tem o seu fundamento na existência. O estar-aí vem a ser mais Homem poematizando. Este relacionamento é uma convocação na qual estar-aí e Ser, simultaneamente, cuidam um do outro, preparam-se para assumir as suas funções. O estar-aí só poematiza, porque foi instaurado como o lugar propício ao advento daquilo que se clareia, na Linguagem.

O Poema se constitui de palavras e o próprio Ser, ao desvelar-se, o faz por meio da palavra, vindo a incorpora-la de tal maneira que dela não se distingue.

Como Língua e Linguagem são expressões fundamentais do ser humano, ambas se inserem nas épocas de concepção do Ser. Dessa forma, podem aproximar-se ou distanciar-se da revelação e do simbólico, que as especificam enquanto tais. O fundamento dessas duas colocações vincula-se estreitamente ao fazer-se temporal do estar-aí e ao Poema.

3. O LOGOS

A Língua se refere ao conjunto de palavras usadas por um povo. Ontologicamente, a Língua é um compromisso do estar-aí com o Ser, perdido no decorrer da Filosofia. Neste contexto, Heidegger volta sua atenção ao esquecimento do Ser, a estrutura mesma que serve como suporte das Línguas que sucederam a grega.

Se voltarmos nossa atenção às palavras da língua grega, penetramos numa esfera privilegiada, constatando que a língua grega não é uma simples língua. A língua grega, e somente ela, é *logos*. O que ela expõe é o que está aí diante de nós. Pela palavra grega verdadeiramente ouvida de maneira grega, estamos imediatamente em presença da coisa mesma, e não primeiro apenas diante de uma simples significação verbal.

A língua grega pronuncia a união do estar-aí com a totalidade do Ser e a expressa no *Logos*, na harmonia que nomeando o que se desvela o desoculta na palavra. Os gregos estavam atentos ao fato de que a Língua é, também, uma modalidade do afastamento do Ser.

Refletindo sobre a Língua, Heidegger novamente está diante da Lógica. Denuncia, então, os perigos da “linguística”, da “semântica” e da “gramática” que enclausuram o Ser em um signo, buscando a mudança de seu significado nas frases. A Língua torna-se cada vez mais inautêntica na medida mesma em que reduz o Ser a uma significação verbal, tomando-o como o conceito mais geral, indefinível e evidente. Estas noções que ontificam o Ser não têm acesso ao que é a Língua, nem a sua transição à palavra que ocorre na Linguagem. Isto porque enquanto se define a Língua como uma atividade subjetiva, pressupõe-se o seu fechamento em um sistema conceitual que remete os signos uns aos outros e os descreve no interior de um sistema inalterado de frases. A Língua torna-se, então, uma atividade de um sujeito anônimo, posto que, em seu âmbito, não se pergunta pelo ser daquele que fala, sem Tempo, sem Mundo, sem relação com o Ser.

A Língua, reduzida ao alfabeto, à sintaxe e à gramática é um instrumento, uma dissociação do sentido verbal e da intenção mental que põe em risco o advento da Linguagem, posto que o Ser e o ser-dito afastam-se um do outro em meio às regras gramaticais.

É na lógica deste *logos* que a gramática obtém seu fundamento. Mas esta lógica se funda ela mesma sobre a ontologia do ente subsistente. Liberar a gramática da lógica reclama primeiro uma compreensão positiva da estrutura essencial e apriorística do discurso em geral, tomado como um existencial. Portanto, para situar a Língua no local a que pertence, é necessário que inicialmente a libertemos da Lógica.

Superação da Lógica tradicional não significa abrogar o pensar e instituir o domínio do sentimento puro. Significa um pensar mais originário, mais rigoroso, pertencente ao Ser.⁵

A Linguagem é a expressão da finitude humana, posto que a ela compete, primordialmente, trazer à palavra a experiência do estar-aí como ser-no-Mundo, em sua historicidade. Neste contexto, o discurso se atualiza temporalmente e a hermenêutica heideggeriana privilegia o sentido contido nas palavras que desvelam o momento mesmo da irrupção do Ser.

A faculdade de falar é exclusiva do estar-aí, que se difere, justamente pela fala, dos demais entes. O discurso é o alicerce da Linguagem: a expressão do sentimento da situação, de que é o estar-aí enquanto tal, e de sua união com o Ser.

4. O HOMEM E O USO DA LINGUAGEM

O discurso é sempre revelação de um sentido do Ser e do existir deste ente que se constitui falando. Contudo, Heidegger considera que o Homem não tem paciência de esperar que o Ser se enderece a ele, para semear, cultivar e deixar brotar a fala. Contrariamente a este processo, que é lento, temos pressa, queremos falar mais e mais, sem interesse no conteúdo proferido. Por outro lado, identificando o dizer com a Língua e restringindo-a às estruturas gramaticais ou a uma função biológica do sujeito, o Homem se aparta mais e mais do sentido que lhe foi confiado para ser pronunciado.

O palavrório é o falar por falar, o falar à toa, que encobre o sentido dos entes em vez de desocultá-los. Esta Linguagem cotidiana fala fora da presença e do relacionar-se com o essencial, que é abandonado na época atual, pela Técnica.

As consequências da dominação da subjetividade na Linguagem do estar-aí, não mais um poema do Ser, fazem com que o Homem comporte-se como se fosse o criador e senhor da Linguagem, ao passo que, segundo Heidegger, ocorre o contrário, a Linguagem que é e permanece sua soberana. Quando esta relação de soberania se impõe, estranhas maquinações vêm ao espírito do Homem. A Linguagem torna-se um meio de expressão. Enquanto expressão, a Linguagem pode cair no nível de um simples meio de pressão.

Nesse sentido, a Linguagem reduz-se à representação do pensamento impessoal de “todo-o-mundo”, perdendo a sua importância no que é dito. Os meios de comunicação veiculam fórmulas persuasivas para um falar repetitivo. A Linguagem passa a ser um objeto

⁵ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

mecânico, reduzido à sua utilidade, isto é, a de inteirar o Homem do que se tornou *público*. A cibernética transforma a Linguagem num simples meio de troca de mensagens.

Na verdade, é a Língua que fala e não o Homem. O Homem fala na medida em que corresponde à Língua.

A função da Língua e da Linguagem é, assim, a de preservar, no sentido de cuidar, proteger e zelar pela mensagem que o Ser lhe endereça. Em sua autenticidade, elas são o testemunho da aceitação humana do ser. Nisso reside a sua riqueza: em encaminhar o desvelado à manifestação protetora. O Poema é a exaltação que aguarda o brilho do Ser para, então, configurá-lo, sem confiná-lo, em um termo.

“O Poema é a fábula da eclosão do ente”. (...) ⁶

Permitindo que o ente apareça por intermédio de seu dizer, Língua, Linguagem e Poema identificam-se na simplicidade que pronuncia o que simplesmente se anuncia. São mensageiras do desvelado.

A língua mesma é Poema no sentido essencial. A língua é o advento onde, para o Homem, o ente enquanto ente se revela como tal; eis aí a razão pela qual a poesia, o Poema no sentido restrito, é o Poema mais original no sentido próprio. A língua não é, pois, Poema porque ela é poesia primordial; ao contrário, é a poesia que advém a si mesma na língua porque é esta que guarda em si a essência original do Poema. ⁷

Como a Língua é o horizonte da Linguagem poética, Heidegger busca um acesso à Poesia por intermédio de Hölderlin, considerando como “...o poeta do poeta...” ⁸, posto que ele “... poematiza expressamente a essência da poesia em si mesma”. A importância de Hölderlin reside no dado fundamental descerrado por seu dizer: ele capta o destino do Ser em seu esquecimento, e pressente este perigo antes que a Metafísica prestasse atenção a ele. Em Hölderlin, Heidegger capta a possibilidade do início e uma nova época do Ser, visada pelo seu pensar desde *Ser e Tempo*, em meio à qual a Linguagem poética ocupará um lugar privilegiado. Daí a referência ao seu nome como modelo daqueles que desdobram seu ser como poetas, como poemas em processo.

Hölderlin é poeta nascido na segunda metade do século dezessete. Seus primeiros vinte e cinco anos de vida foram marcados por uma postura reacionária ao racionalismo programático da época das luzes alemãs. Sua vocação poética se afirmava sob a influência de leituras de Platão, Heráclito e de clássicos da literatura alemã como Klopstock, Ossian, Young

⁶ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 93.

⁷ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

⁸ Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*, p. 40.

e Schiller, muito embora seja possível notar a configuração de um estilo próprio na poesia de Hölderlin.

O vínculo entre a filosofia de Heidegger e a poesia de Hölderlin, dentre outros pontos mencionados, liga-se pela análise e interpretação de “Lembranças”⁹, em que Heidegger mostra que para o poeta – visto como um pensador essencial – “a viagem ao estrangeiro é uma condição essencial para que se realize o regresso à pátria, regresso que o faz entrar na lei própria do seu canto poético”. Mostra, outrossim, o filósofo serem “os navegantes” mencionados na primeira estrofe os “poetas vindouros da Germânia” que “dizem o Sagrado” e fundam “a história de sua ‘pátria’” ou polis como o “lugar que o Sagrado assinala à história”.¹⁰

Tal pensador vai então descobrir, na Linguagem poética, o único horizonte de onde pode divisar o que chama de “a verdade do ser”, confirmando assim uma antevisão do mesmo Hölderlin de ser a poesia, ao fim e ao cabo, a mestra da humanidade e da própria filosofia. No pensamento do “segundo” Heidegger, no início da carta sobre o humanismo, a Linguagem é “a casa do ser”¹¹, e “os pensadores e poetas são os guardas desta habitação”¹² e a faculdade distintiva do Homem é a posse da Linguagem. Donde a importância cardeal do verso de encerramento de “Lembrança”, o qual proclama: “O que fica, porém, é o que os poetas fundam”. Heidegger considera o fundar a essência mesma da poesia, que, numa definição bastante conhecida, ele conceitua como “a fundação do ser pela palavra”.¹³

A análise do pensamento poético de Hölderlin conduziu inclusive o filósofo a repensar conceitos como “pátria”, “origem”, “apatridade”, “sagrado”. Um repensar apoiado fundamentalmente na diferença entre o ser e o ente, os quais estão um para o outro assim como o essencial está para o contingente, o permanente para o transitório. Os homens vivem comumente na apatridade porque, distraídos pelos cuidados miúdos do dia-a-dia, descaram da “verdade do ser”. Já o poeta, ao regressar do estrangeiro à pátria, volta ao natal, lugar e momento da criação, origem onde o ser se entremostra na sua essência à iluminação poética. Trata-se, em suma, do lugar do universal, pois o conceito de pátria não tem nenhum sentido restritivamente nacionalista na poesia hölderliniana.

Ao vincular espiritualmente a Alemanha à Grécia, e esta ao Oriente donde recebeu o culto de Dioniso, Hölderlin afirmava desde sempre o “caráter universal” do seu pensamento,

⁹ O poema “Lembrança” de Hölderlin encontra-se na íntegra como anexo.

¹⁰ Martin HEIDEGGER. *Approche de Hölderlin*, p. 105 – 121.

¹¹ Martin HEIDEGGER. *Conferências e escritos filosóficos*, p. 152.

¹² Martin HEIDEGGER. *Conferências e escritos filosóficos*, p. 152.

¹³ Martin HEIDEGGER. *Approche de Hölderlin*, p. 52.

que Heidegger tem por “mais antecipador que o puro cosmopolitismo de Goethe”. Ademais, a iluminação poética não deriva de nenhum “cálculo” lógico deliberado nem tampouco aceita o “existente já dado”, isto é, o mundo tal como visto pelo hábito e pela convenção. Ao contrário, o conhecimento ou reconhecimento poético é sempre uma descoberta da essência das coisas, da coisa-em-si. Por isso, ao nomear de novo o já nomeado, o poeta diz a “palavra essencial” que funda o ente como ser. Mas o vislumbre do ser só se dá na Linguagem em que o poeta o afeiçoou; o poema só existe em sua forma originária, esvaindo-se na paráfrase explicativa. Daí ser a origem ou pátria um lugar lingüístico: na Linguagem se abre a clareira do ser, a qual é por sua vez o lugar do sagrado, ou seja, do transcendente. Por dizer o divino, o poeta é profeta.¹⁴

A completa reflexão de Heidegger em torno de Hölderlin deixa a impressão de que a poesia teria servido apenas de ponto de partida para a filosofia. Uma atenuante possível seria a de o absorvente interesse tanto do poeta quanto do filósofo pelas doutrinas dos pré-socráticos, notadamente Heráclito, ter-lhes dado uma raiz comum, a despeito da diversidade de seus enfoques, justificando assim a glosa filosófica do pensamento poético. Daí a razão pela qual tentamos discorrer sobre a junção entre o poeta e o filósofo.

O poeta, enquanto Homem, é no Mundo, na medida em que assume os traços fundamentais de uma era à qual pertence, tendo por missão penetra-la, meditando. Hölderlin, visando a preservação da harmonia pré-socrática do Homem com a *Physis*, enquanto gênese de tudo o que é, tenta recupera-la em seus poemas, para reconduzir os homens ao originário do qual se distanciaram. A partir do encontro com Hölderlin, a problemática heideggeriana concernente à questão do velamento e do desvelamento é assinalada pela influência do poeta. Isto porque Heidegger capta em seu poetar o próprio conteúdo de um pensar pós-metafísico sobre o Ser, que prepara o caminho para a ocasião propícia de seu apresentar-se.¹⁵

Hölderlin usa a metáfora da “Noite do Mundo” para designar o destino de uma Civilização que vive em uma época histórica centrada sobre si mesma. Descartando aquilo que ultrapassa o domínio da subjetividade, os homens estão entregues a sua própria sorte. Distantes do referencial que a eles se furta, perambulam incertos de seu rumo, confinados.

O tempo da noite do mundo é o tempo da indigência, porque ele se torna mais e mais estreito. Ele se torna tão estreito que não é nem mesmo capaz de perceber, de reter a falta de deus como falta. Com esta falta é a essência do mundo, seu fundamento mesmo que faz falta.

¹⁴ Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*, p. 11-54.

¹⁵ Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*, p. 11-54.

Abismo significa originalmente o solo e o fundo a que tende o que está suspenso à beira do precipício.¹⁶

A Noite do Mundo designa, assim, o fechamento do estar-aí ao desvelado, ao aberto, ao Mundo. Este fechamento é o espaço da Terra, no qual os homens, que perderam o seu habitar, se enquadram. A ausência da busca do sentido do Ser e a manipulação do ente enquanto objeto disponível expressam uma modalidade do afastamento da Verdade do Ser, que Heidegger denomina “não-verdade”, “errância”. “Este vaivém do Homem no qual ele se afasta do mistério e se dirige para a realidade corrente, corre de um objeto a vida cotidiana para outro, desviando-se do mistério, é o errar”.¹⁷

A persistência em um único aspecto do real, também nomeada como “falta dos deuses”, não acena a um fechamento total, à perdição da Humanidade. Pelo contrário, ela pode ser superada, com muita persistência, pelo poeta. E em seu auxílio se manifesta o “Sagrado”, que, ontologicamente, é uma dimensão do desvelamento, o colocar-se a caminho do Ser. Neste contexto, Hölderlin anuncia a “Festa”, título de um de seus poemas, como a situação limite de uma era rumo ao ontológico, na busca de seu equilíbrio originário. Para Hölderlin, diferentemente do Homem mítico, não é a comunidade como um todo que a oficia, mas um de seus representantes, eleito como especial: o poeta. O poeta se institui como tal quando reata os vínculos entre os homens e os deuses, o que é celebrado na Festa.¹⁸

A Festa, este dom primordial que o Sagrado nos destina, permanece a origem de todos os acontecimentos, isto é, a história. Mas, se a Festa é a origem essencial da história de uma humanidade e se o poeta é ele mesmo um produto da Festa, então o poeta se torna o fundador de uma história da humanidade.¹⁹

O poeta é, assim, a passagem da Noite do Mundo para sua Manhã. É o marco que consagra, por seu dizer, uma nova época na qual o destinar-se do essencial se mantém. Aberto ao Ser e buscando capta-lo, o estar-aí é historial, isto é, está em vinculação hermenêutica com o desvelado, atento ao seu mistério no velamento. Por intermédio do poeta, estar-aí e Ser recuperam o que lhes é mais próprio: a disponibilidade para a entrega, a originária harmonia de seu relacionamento.

Ao superar o comodismo, a atitude cotidiana que aparta o Homem de olhar as coisas que o circundam, o poeta tem a coragem de ser. Não tendo medo de expor-se, arremessa-se rumo ao Ser. Com isso ele nada perde, pois conquista o espaço no qual o estar-aí ressurgem em

¹⁶ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

¹⁷ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

¹⁸ Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*, p. 11-54.

¹⁹ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

todo o seu vigor transcendente. Este é justamente o caráter revolucionário por ele ostentado e que fez do poeta alguém sempre fora do já estabelecido.

O poeta, voltando-se, como os pré-socráticos, ao mistério do ente-sendo, habita a Linguagem da essência.

“Pensando a partir do templo do ser, podemos presumir aquilo que ousam aqueles cuja ousadia vai além do ser dos entes. Eles ousam a circunscrição do ser. Eles se aventuram com a Linguagem”.²⁰

Esta aventura consiste na restauração do que foi deixado de lado em nossa época: do Sagrado, do divino dos deuses e do Ser. Agindo assim, o poeta será a clareira, o mensageiro do Ser e do divino aos outros homens, a fim de que sejam alvos, isto é, encontrem o caminho que os retira das incertezas em que estão mergulhados.

Os que arriscam mais fazem a perdição do ser sem abrigo transformar-se em salvação da existência mundial. É esta que deve ser dita”. Em semelhante canto, espaço íntimo do mundo se estabelece ele próprio em sua espaciosidade. O canto destes cantores nada ambiciona; não é uma profissão.²¹

Hölderlin, assumindo o binômio grego “estranho-familiar”, propõe um “Retorno” do Homem ao familiar, idêntico à Terra Natal, ao Ser enquanto Pátria. Heidegger também denomina o Ser como Pátria. E esta Pátria mantém suas raízes no solo fértil da Linguagem poética.²²

5. CONCLUSÃO

O que ameaça o Homem em seu ser é a Técnica. Isto porque a Técnica, enquanto oriunda da metafísica, instaura o vazio do Ser. Com o esquecimento da Verdade do Ser, o seu enviar-se é encoberto, e nisto reside a suprema indigência humana: em não perceber que todo o agir é norteado pelo apelo do Ser, que não deixa de instigar o Homem, e não pela vontade e atividade de um sujeito que visa à dominação real.

Nesse sentido, recorrendo ao poeta Hölderlin, Heidegger responde positivamente a estas ameaças afirmando que lá onde está o perigo, lá também cresce o que salva.²³

A salvação da época técnica será a meta que norteia a proposta inovadora de Heidegger, no tocante ao poetar, enquanto Ontologia.

²⁰ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

²¹ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

²² Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*, p. 11-54.

²³ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

O pensar originário, o pensar que pensa o Ser e que por isso mesmo é grego em sua gênese, na medida em que responde ao apelo do desvelado, é poemático.

O pensar do ser é a maneira originária do poematizar. Somente nele, antes de tudo, a Linguagem se torna Linguagem, isto é, atinge a sua essência. O pensar diz o ditado da verdade do ser. O pensar é o poematizar originário que precede toda poesia, mas também o elemento poético da arte, na medida em que esta se torna obra, no seio do âmbito da Linguagem. Todo o poematizar, tanto neste sentido mais amplo como no sentido mais restrito do poético, é, no fundo, um pensar. A essência poemática do pensar guarda o imperar da verdade do ser.

O pensar pós-metafísico, como nas épocas mítica e grega, escuta o Ser e o pronuncia. O pensar e o poetar se irmanam considerando-se que a mesma nascente, o dizer silencioso do Ser, os interpela.

“O pensar, porém, é o poematizar da verdade do ser, no diálogo historial dos pensadores”.²⁴

O dizer do poeta é o canto que se constitui em evocar, em expor o Ser; desse modo, adquire a plenitude de sua essência. Entre o pensador e o poeta há, assim, uma divisão, uma separação necessária ao próprio desvelamento do Ser e que, enquanto tal, deve ser considerada. O pensador diz o ser. O poeta nomeia o sagrado. A poesia é fundação do ser pela palavra.

O privilégio da Linguagem poética em sua capacidade de revelar o Ser situa-se na vinculação do poeta com a palavra. Nela, tanto o Ser quanto a palavra serão redimensionados na esfera da pureza em que os pré-socráticos se voltaram para o essencial.

Como a Arte acontece somente quando se volta para a totalidade do Ser, ao aberto, ao desvelado, a Arte ocorre no Poema. A Arte poemática acolhe a Verdade do Ser, responde a ela como na época pré-socrática. Desvinculada de seu elemento poemático, a Arte, nas épocas posteriores, esvaziou-se concomitantemente ao esvaziamento do estar-aí e do Ser. A História deste destino foi designada como sendo “Noite”, como o que obscurece e vela, fornecendo a todas as manifestações culturais que a compõem o cunho da perda. Desabrochando com o Ser, a Arte poemática salva, resgata, fulgura como “Manha”. Autêntica, esta Arte é o que mais merece a nossa atenção, nos períodos de transição, de busca.²⁵

A essência da arte é o Poema. A essência do Poema é a instauração da verdade. A Poesia é, pois, um devir e um advir de verdade.

²⁴ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

²⁵ Thais Curi BEAINI. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*, p. 87–103.

Referências

ALLEMANN, Beda. *Hoelderlin et Heidegger*. Trad. Françoise Fédier. Paris, Presses Universitaires de France, 1959.

BEAINI, Thais Curi. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. São Paulo: Cultrix, 1964.

HEIDEGGER, Martin. *Approche de Hölderlin*, Trad. H. Corbin, M. Deguy, F. Fédier e J. Launay. Paris: Gallimard, 1962.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Explicações da poesia de Hölderlin*. Trad. Claudia Pellegrini Druker. Brasília: UnB, 2013.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Reflexões; seguido de Hölderlin, tragédia e modernidade de Françoise Dastur*; Org. Antonio Abranches; Trad. Márcia de Sá Cavalcante, Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

STEIN, Ernildo. *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

WAHL, Jean. *Le pensée de Heidegger et la poésie de Hoelderlin*. Paris, Centre de doccumentation universitaire, 1952.